

## EDITORIAL

### *Da diabolização do eucalipto à crise do papel*



José Cabrita Saraiva

Sou do tempo em que as pessoas convenciam as crianças a poupar papel explicando-lhes que quanto mais papel se gastasse mais árvores teriam de ser abatidas. Diziam isto como se um pedaço de floresta desaparecesse da face da Terra de cada vez que mais umas quantas páginas eram produzidas, não mencionando o facto de que os eucaliptos de que se faz a pasta papel são propositalmente plantados para esse efeito. Passados alguns anos, curiosamente, gastar papel não só não parece ser um problema como até está na moda: as embalagens de papel e os sacos de papel são hoje considerados amigos do ambiente. A ponto de nalguns supermercados mais modernos só haver sacos deste material, embora sejam tão frágeis que se rompem mal se coloca lá dentro um produto mais frio, húmido ou com uma aresta mais saliente. Em tempos diabolizava-se os eucaliptos (um dia destes um amigo recordava como um influente comentador dizia que só Portugal e os países do Terceiro Mundo produziam celulose, ou pasta de papel, ignorando, porventura intencionalmente, que países desenvolvidos como a Suécia também a produzem...). Hoje diaboliza-se o plástico, que não destrói florestas mas intoxica animais e polui os oceanos. E o papel volta a ser rei, ao ponto de a procura ser tanta que começa a haver escassez e o preço sobe em flecha, com o mercado dos livros a ressentir-se. Quem diria que a roda da fortuna poderia girar tão rapidamente? Por estranho que pareça, até as questões aparentemente mais inócuas podem estar sujeitas, se não a modas, pelo menos a tendências, lóbis, distorções e falseamentos. Não podemos negar que é fundamental que se discuta como poderemos proteger o ambiente. Mas é preciso fazê-lo sem preconceitos, facciosismos ou *partis-pris* ideológicos. Com mais de oito mil milhões de pessoas a viver na Terra e a sociedade de consumo a alastrar, há que encontrar formas de preservar a natureza. Mas não se julgue que esse é um problema que apareceu ontem. Na longínqua Idade Média já cerca de metade do coberto vegetal da Europa tinha desaparecido. E não consta que na época se abatessem árvores para fazer papel...



## AUTOvoucher. “Estou deseioso que este programa acabe”

A confusão e a desinformação imperaram nas bombas de gasolina, no dia em que arrancou o programa AUTOvoucher, que promete apoios de 5 euros por mês.

JOSÉ MIGUEL PIRES  
[jose.pires@ionline.pt](mailto:jose.pires@ionline.pt)

Os portugueses são conhecidos por perderem a cabeça por um brinde, nem que o mesmo seja um saco com ar. Onde há ofertas, surgem dezenas, centenas ou milhares de pessoas. Por isso, não é de estranhar que os dez centimos oferecidos pelo Governo por cada litro de combustível, até 50 litros, perfazendo um total mensal de cinco euros de descontos, criasse uma enorme confusão em muitos postos de combustível.

Se adicionarmos que o Executivo de António Costa se esqueceu de 'bloquear' o desconto apenas ao combustível, perceberemos facilmente que a confusão foi ainda maior. É que qualquer pessoa que tenha um Número de Identificação Fiscal (NIF) pode ir a um posto de abastecimento e comprar o que estiver nas prateleiras, sejam chicles, jornais, doces, sandes ou produtos de limpeza, e terá o desconto automático ao fim de dois dias. Isto é: no total de gastos equivalente a 50 litros de